



Texto síntese – Roda de Diálogo SNEA 16 Experiências de Educação em Agroecologia de Norte a Sul do Brasil

Henderson Gonçalves Nobre¹; Fabiana de Carvalho Dias Araújo²; Ana Paula Anacleto Virgolino³

¹ Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (UFSCar e UNIA/Espanha); Professor da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA/Capitão Poço. E-mail - hendersonnobre@gmail.com; ² Mestrado e doutorado em Agronomia - Ciências do Solo. Professora da Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ. E-mail - prof.fabiana.araujo@gmail.com; ³ Estudante da Licenciatura em Educação do Campo (UFV). E-mail - anaanacleto@gmail.com

Contexto

Pensar uma Educação com viés transformador, que dê conta dos principais desafios para a construção de um outro Brasil, é um desafio no qual vem se debruçando educadores e educadoras, que buscam nos princípios da Agroecologia, estratégias de aproximar as instituições onde atuam da realidade vivenciada por diversos atores sociais e, com isso, construir conhecimentos que aliem o saber empírico com o saber acadêmico contemporâneo.

Num contexto onde a prática da Educação é voltada principalmente ao mercado e os processos de construção se constituem num *modus operandis* bancário (FREIRE, 1983), de homogenização do saber e hegemonização do saber puramente acadêmico, a construção de novos paradigmas baseados nos princípios da Agroecologia como movimento, ciência e prática (VILLAR et al., 2013), nos traz uma diversidade de cenários possíveis para a construção de outra estratégia de construção do conhecimento.

Desta forma, as experiências aqui relatadas e analisadas acenam para outro caminho, onde é possível pensar a Educação como ferramenta importante para se construir processos de transição para uma cultura de sustentabilidade, como reforça Gliessman (2009) e, com isso, incorporar uma parcela significativa da sociedade que ainda se mantém excluída do acesso ao conhecimento, seja ele formal ou não-formal.

Para a construção desta síntese, foram analisadas as experiências que constituíram a Roda de Diálogos 16 do II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia, onde foram apresentadas oito



experiências de diferentes contextos e regiões do país. A estratégia de apresentação consistiu na acolhida e apresentação dos participantes com uma dinâmica onde os mesmos puderam falar sobre suas origens e expectativas com a roda de diálogo. Posteriormente foi construída uma síntese coletiva das experiências enfocando a modalidade das experiências, as instituições e atores sociais representados, as principais estratégias de construção das experiências e principais temas trabalhados. Paralelamente foi construída a instalação pedagógica, onde os elementos representativos das experiências foram alocados ao centro do espaço. Ao final, foi realizada reflexão sobre a instalação pedagógica, focando nos pontos comuns das experiências, bem como avaliando o aporte trazido pelas mesmas para a Educação em Agroecologia.

Assim, esta síntese vem trazer as principais análises desse processo de socialização coletiva, a partir de diferentes experiências em Educação em Agroecologia, que vem numa estratégia contra hegemônica de construção do saber, acenar para novos processos educativos baseados nos princípios da Agroecologia.

Descrição das Experiências e Análises

Tendo em vista que os processos de construção de conhecimento se dão em diversos e diferentes ambientes educacionais, as experiências apresentadas na roda de diálogo são construídas em espaços de educação formal e não-formal, seja em escolas de ensino fundamental até a pós-graduação, passando por públicos da educação infantil, educação de jovens e adultos, até a extensão universitária. Isso só vem reforçar a diferença geracional envolvida nos processos de construção do conhecimento e Educação em Agroecologia.

Dentre as diversas instituições que participam da construção destas experiências foi possível visualizar o protagonismo de escolas públicas, instituições de ensino superior (Universidades e Institutos Federais), instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), Casas Familiares Rurais e movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Comissão Pastoral da Terra (CPT). Porém nas diversas instituições participantes, as práticas



educacionais e processos de construção do conhecimento se materializam de maneiras distintas, em função dos objetivos e papéis das mesmas.

A diversidade destas experiências fica mais nítida ao analisar os diferentes atores sociais envolvidos nos processos de construção do conhecimento, pois fazem parte deste universo professores/as, pesquisadores/as, técnicos/as de ATER, estudantes, acampados/as e assentados/as da reforma agrária, juventude rural, agricultores/as atingidos por barragens, moradores/as da periferia, agricultores/as urbanos, diferentes populações tradicionais, pessoas inseridas em grupos de consumo, ribeirinhos/as, indígenas, populações remanescentes de quilombo, participantes de grupos de Agroecologia, participantes de cooperativas e associações de agricultores/as, dentre outros.

Na construção processual das experiências podemos identificar como estratégias centrais diversos princípios metodológicos participativos, que valorizam a indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, o diálogo a partir da pesquisa-ação, o enfoque inter, multi e transdisciplinar, e também os regimes de alternância pedagógica. Tais estratégias são materializadas em ferramentas de diagnósticos participativos, intercâmbios de experiências (camponês-à-camponês), avaliação de indicadores de sustentabilidade em agroecossistemas, as redes de cooperação e parcerias interinstitucionais, excursões e caravanas agroecológicas, mutirões e estágios interdisciplinares de vivências. É importante ressaltar o papel destas estratégias e ferramentas metodológicas no processo de horizontalização e socialização do saber e da construção de práticas educativas que promovem a transformação das realidades vivenciadas por cada experiência.

Ao se analisar as temáticas principais das experiências apresentadas, é possível visualizar que as mesmas abrangem, pelo menos, uma das dimensões da Agroecologia, descritas por Sevilla Guzmán (2013) como: ecológica (técnico produtiva), socioeconômica e cultural (de desenvolvimento endógeno, local) e política (de transformação socioambiental). Dentre estas podemos citar a análise de indicadores de sustentabilidade, processos de transição agroecológicos, estudo de agroecossistemas, convivência com o semiárido, manejo dos solos, sistemas agroflorestais, hortas mandalas, produção de mudas e banco de sementes, plantas alimentícias não convencionais (PANCS), hortas comunitárias, estudos de estratégias de desenvolvimento local, construção de territórios sustentáveis, processos educativos e



novas diretrizes curriculares, economia solidária, gênero e juventude, educação do campo, certificação orgânica e agroecológica, segurança alimentar e nutricional, saberes populares, feiras de comercialização, cultura, biodiversidade e sustentabilidade, em geral.

De modo a apresentar as experiências que constituíram a Roda de Diálogos 16, faremos um breve resumo das mesmas na sequência.

I - Análise e monitoramento de agroecossistemas em assentamentos rurais: experiências pedagógicas no curso de Agronomia com ênfase em Agroecologia - UFSCar/Pronera.

Apresentar as atividades desenvolvidas no curso de Agronomia com ênfase em Agroecologia (UFSCar/Pronera), com enfoque em ações junto a unidades produtivas camponesas dos assentamentos rurais e seu entorno, nos tempos escola e comunidade realizados. Dentre as principais atividades destacaram a construção e/ou adaptação participativa de indicadores de sustentabilidade e parâmetros de avaliação, elaborados por todos os educandos e educandas do curso. As abordagens teóricas e aulas práticas durante o tempo escola possibilitaram os educandos desenvolverem um diagnóstico participativo em suas comunidades (tempo comunidade), com o auxílio de métodos de avaliação de indicadores de sustentabilidade, corroborando com as avaliações e elaboração de um plano de transição agroecológica para as unidades produtivas dos assentados da reforma agrária da região.

II - TEIA: Processos, Práticas e Parcerias em um Programa de Extensão Universitária.

Busca caracterizar a experiência do TEIA, que se constitui em um Programa de Extensão Universitária, criado em 2004, na Universidade Federal de Viçosa, com destaque para os processos educativos, as metodologias e as práticas realizadas em parcerias construídas historicamente por esse programa de extensão. Em 12 anos de existência, o TEIA tem contribuído para uma reforma democrática da universidade e da formação de seus integrantes, utilizando uma perspectiva de educação transformadora, promovendo a integração de diferentes áreas de conhecimentos e abrigando novas práticas e processos educativos.



III - O Instituto Federal do Sertão Pernambucano e a Educação para a convivência com o Semiárido brasileiro.

O Centro Vocacional Tecnológico de Agroecologia (CVT) do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural (IF Sertão-PE CPZR), vem construindo uma importante experiência para a Educação Contextualizada no Semiárido Brasileiro (ECSAB), a partir do desenvolvimento de práticas agroecológicas através de uma educação baseada no protagonismo juvenil, diante dos desafios sociais, culturais e regionais da região do Vale do São Francisco. Este apresenta experiências de formação na perspectiva de intermediação teoria-prática sobre a ECSAB e suas práticas pedagógicas, demonstrando que há uma preocupação com a discussão teórica e a realidade apresentada, rompendo os paradigmas da difícil convivência com a seca do meio natural da região.

IV - A identificação de Plantas Alimentícias Não Convencionais como estratégia de Segurança Alimentar e Nutricional e valorização da “Comida de Verdade”.

Apresenta a experiência da associação de moradores de uma comunidade em Duque de Caxias em parceria com o Internato de Nutrição em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que a partir da revitalização de uma horta comunitária, vem realizando atividades de extensão com o objetivo de valorizar e visibilizar as Plantas Alimentícias Não Convencionais, tradicionalmente presentes em hortas e quintais, e que possuem usos alimentícios, integrando-se ao contexto dos debates da Agroecologia e da manifestação cultural e dos modos de produzir local.

V - A Agroecologia como um norteador na prática educativa.

Apresentar um relato sobre ações educativas na modalidade Educação de Jovens e Adultos, no município de Nazaré Paulista, São Paulo, onde os conceitos de Agroecologia foram utilizados para orientar práticas pedagógicas e atender aos educandos que eram moradores de comunidades rurais e urbanas, através de ações e eventos efetivados junto aos educandos, em especial a FEIRA DA EJA, integrando com o estudo das comunidades, resgatando os costumes, práticas e valores locais.



VI - Educação, juventudes e (im)permanências.

Busca compartilhar reflexões elaboradas a partir de estudos e experiências educacionais desenvolvidas com jovens de diferentes contextos rurais e urbanos sobre o tema da Educação em Agroecologia, mostrando que a juventude está necessariamente ligada ao tema da Agroecologia, revelando-se como um avanço na formação escolar dos jovens quando aumentam seus repertórios de saberes e de práticas que permitem a reprodução social da vida, proporcionando uma consciência ecológica na construção da identidade entre as novas gerações.

VII - Percursos no campo e na cidade: territórios juvenis.

Este estudo de caso visa evidenciar os conflitos pessoais dos jovens camponeses entre a permanência no campo e o êxodo rural e suas consequências de caráter pessoal, social, econômico e financeiro, inclusive as decorrentes das políticas públicas vigentes, a partir da experiência de um jovem camponês, e sua identidade múltipla, em que o campo e a cidade assumem significados distintos e complementares na sua formação, aspirações e conflitos em relação ao mundo contemporâneo.

VIII - Horta Mandala em Agroecologia.

Esta experiência avalia as mudanças ocorridas nas propriedades físicas e químicas do solo após o emprego de técnicas agroecológicas de manejo de uma horta mandala no Campus da Universidade Federal do Tocantins de Palmas, bem como sua utilização para divulgar as práticas agroecológicas e outras atividades de educação ambiental. Como resultados a experiência fortaleceu as relações sociais, já existentes dentro da universidade, e ainda, promoveu outras práticas fora dela, como por exemplo, a feirinha de trocas solidárias, que estabeleceu vínculo com os agricultores familiares da região.

Considerações Finais

Foi possível constatar, de forma geral, a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, na ressignificação das práticas educativas apresentadas.



Destarte que os Núcleos de Agroecologia, vem se consolidando como um importante instrumento de ampliação do debate da Agroecologia, dentro e fora da universidade, alcançando comunidades, muitas vezes excluídas pelas instituições de ATER e pesquisa.

Resta como principal desafio avançar na praxis agroecológica e consolidá-la como estratégia de frear as externalidades do atual modelo de “desenvolvimento” social, bem como de aperfeiçoar e sistematizar as práticas educativas que vem alcançando bons resultados.

Referências Bibliográficas

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? 7ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 653 p. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2009.

SEVILLA GUZMÁN, E. 2013. El despliegue de la sociología agraria hacia la Agroecología. Cuaderno Interdisciplinar de Desarrollo Sostenible, v. 10, Fundación Cajamar, p. 85-109. abr. 2013. Acesso em: www.cuides.com<<http://www.cuides.com>>, em outubro de 2013.

VILLAR J. P. A; CARDOSO I. M. B.; FERRARI E. A. C; DAL SOGLIO, F. K. Os caminhos da agroecologia no Brasil. In: GOMES, J. C. C. e ASSIS, W. S. Agroecologia: Princípios e Reflexões Conceituais. Coleção Agroecológica (EMBRAPA-ABA). Embrapa: Brasília, 2013. pp 37-72.



Figuras



Figura 1: Construção da instalação pedagógica

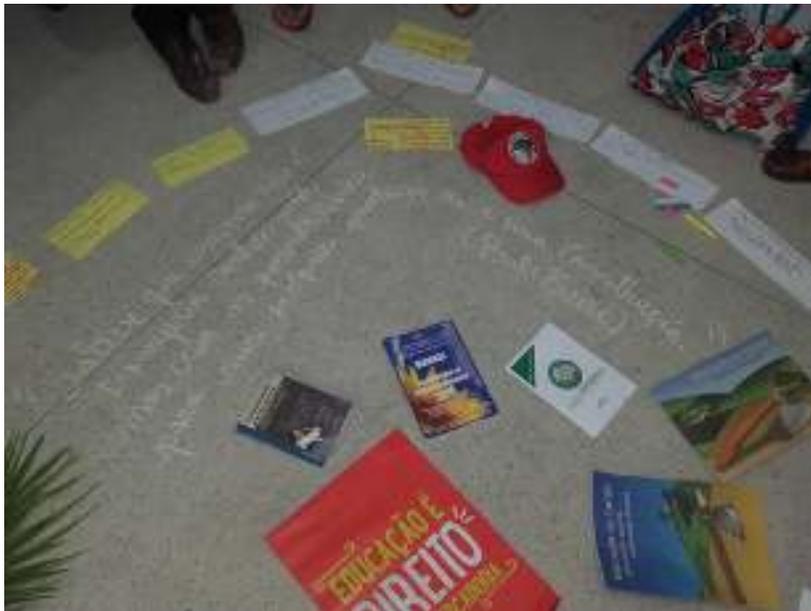


Figura 2: Elementos trazidos para a instalação pedagógica.



Figura 3: Instalação pedagógica finalizada.